

Os Novos desafios do design.

"O conhecimento aparece em conexão com a produção de identidades e status. Muitos dos dilemas atuais sobre a posse dos conhecimentos e de itens culturais em geral, tanto para povos tradicionais, quanto para antropólogos, diz respeito ao que foi denominada 'apropriação cultural'. Isso envolve coisas como mitos, temas musicais, padrões, artefatos práticas religiosas e ultimamente, imagem, voz e representação (...) podemos nós, como antropólogos, apoiar a idéia de 'propriedade cultural' ao mesmo tempo em que percebemos que a cultura está em constante fluxo?" (Manuela Carneiro da Cunha, " Deve o conhecimento ser livre? A invenção da cultura e os direitos de propriedade intelectual").

Aula **26– Tema:** A importância da preservação da cultura material nativa e a ética da responsabilidade e do respeito ao patrimônio nativo em tempos de mercado globalizado.

Bibliografia **Básica:** **MATTOS**, Sônia – "Mémorias e identidades" (60 a 83) e "A necessidade da educação patrimonial" (84 a 101), in: Anchieta, nosso patrimônio, Espírito Santo, Editora da UCG, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da – " Deve o conhecimento ser livre? A invenção da cultura e os direitos de propriedade intelectual" (93 a 97), in: Revista Sexta-feira, Antropologia, Artes e Humanidades, n.2, São Paulo, Ed. Pletora, 1996.

Bibliografia complementar: **ESTRADA**, "Pode o design interferir na cultura popular?" (22 a 27), in: ArcDesign, São Paulo, n.º 23, jan/fev 2002

- Nossa última unidade do curso de introdução á antropologia iniciou-se na aula passada, através da discussão do corpo como tela de inscrição da cultura.
- Mas, antes de continuarmos, gostaria de fazer uma breve retrospectiva, primeiro, porque esta é a nossa penúltima aula; segundo, porque esta retrospectiva nos auxilia a compreender os motivos desta curta, mas necessária abordagem sobre os novos rumos do design.

- Na unidade I - **Compreendendo o homem e o conceito de cultura. Breve histórico da disciplina** - iniciamos nossa trajetória investigando o que era antropologia e quais os seus conceitos fundamentais.
- Vimos assim, que a antropologia é o estudo do outro, a percepção da existência de **diferenças culturais** entre os povos e mesmo entre grupos de uma mesma sociedade.
- Também vimos que falar em diferença pressupõe o reconhecimento de que todas as formas de cultura são válidas, não há culturas melhores ou piores. Se a cultura pode ser vista como uma lente de observação do mundo, como propôs a antropóloga Ruth Benedict, é fácil perceber que povos diferentes utilizam lentes diferentes, daí a importância do relativismo cultural.
- Vimos também que o conceito de cultura é fundamental na antropologia, pois ele pressupõe a passagem de um estado de natureza para o estado de sociedade, e também, da animalidade para a humanização.
- As várias manifestações culturais tornam-se assim a cristalização de idéias e representações coletivas.
- Na primeira unidade, tratamos esta questão de uma maneira mais genérica e conceitual, traçando o panorama e o campo teórico onde estas questões se desdobram, bem como investigando o papel da pesquisa de campo enquanto instrumental privilegiado de resgate da diferença.
- Na Segunda unidade - **A modernidade e a instauração de novos paradigmas na visualidade, nas artes e na comunicação**- iniciamos uma discussão sobre a modernidade e vimos que as percepções culturais, tanto da sociedade envolvente, quanto dos grupos que nela se inserem foram alteradas por toda uma nova visão do tempo, do espaço, das relações entre as pessoas, das relações entre as pessoas e os objetos, da instauração de uma sociedade do espetáculo e do consumo. Ao enveredarmos sobre a **experiência** da modernidade, lançamos o olhar antropológico sobre nós mesmos, colocamo-nos no centro da reflexão.
- Colocamos então em prática a idéia de que a antropologia não serve apenas para estudar um outro distante de nós, mas pode ser uma chave de compreensão para nós mesmos.
- Na terceira unidade- **Identidades culturais, visualidade, arte e arquitetura** – iniciamos a discussão sobre a **produção e consumo dos bens** – econômicos e simbólicos – enquanto **práticas culturais** e não meramente utilitárias, como define o senso comum.
- Com Sahlins, aprendemos que elas são realizações de esquemas simbólicos, intenções culturais.
- Vimos, inclusive, que o consumo pode ser pensado na mesma lógica que o totemismo, pois **ao dar feitiço a um objeto, a produção sedimenta um**

pensamento, é o homem falando do homem usando as coisas como meio de comunicação.

- **Os bens ficam como um código-objeto para a significação e avaliação de pessoas.**
- Everaldo Rocha, Carla Barros e Pierre Bourdieu, mostraram que o consumo de bens passa a ser um indexador simbólico, já que os produtos e serviços **falam entre si, falam conosco e falam sobre nós. São símbolos de distinção, gostos e estilos de vida, formas pelas quais os indivíduos dão sentido e hierarquizam percepções e até mesmo pessoas.**
- E por fim, vimos que a cultura material e a arquitetura são cristalizações do imaginário, tanto os artefatos quanto as construções são lugares onde a identidade e a memória se solidificam.
- Acredito que ficou claro que um melhor conhecimento dos vários grupos e segmentos sociais é de fundamental importância para o design. Através do instrumental da pesquisa de campo e da abordagem epistemológica de valorização da diferença, um imenso campo de intersecção entre a antropologia e o design se configura.
- É inegável que uma melhor compreensão da diversidade cultural presta-se a fins mercadológicos e isto não é necessariamente ruim, pois já vimos que hoje, ninguém é ingênuo e parte dos próprios índios, ou das paneleiras – só para citar alguns exemplos- a possibilidade da confecção e venda de artesanato.
- Há então todo um novo panorama, já que em tempos de mundo globalizado, diferentes culturas estão em permanente e intenso contato.
- Mas não se pode deixar de lado que se a **diversidade cultural** é passível de acepções mercadológicas, é também **arena de conflito**, pois a quem pertence as manifestações culturais? Ou como coloca Manuela Carneiro da Cunha, muito do conhecimento indígena já é apropriado por vários outros segmentos, sem ser recompensado. Ou seja, nos valem da diferença, mas não nos preocupamos com as questões **éticas** que isto suscita.
- É por isso que nossa quarta unidade **-Os Novos desafios do design- embora curta, é central.**
- Precisamos ter em mente que o design, a arquitetura, a arte, a história, enfim, os vários campos do conhecimento tem **responsabilidades éticas** frente aos temas que estuda e principalmente, sobre os objetos sobre os quais se debruça, sejam estes, objetos materiais, patrimônios arquitetônicos e, principalmente, sobre os sujeitos que os produzem.
- Faz-se necessário pensar em questões como
 - direitos autorais,
 - interferência do pesquisador nas comunidades estudadas,

- importância do patrimônio cultural, material, intelectual e natural,
- usos sociais do design.

- Não podemos ver o design apenas como um melhor modo de elaborar e vender produtos. Temos que pensar como estes produtos –sejam eles idéias ou objetos- podem auxiliar a vida das pessoas e estar a serviço da valorização das diferenças e não apenas, de sua mera apropriação. Quando criamos, por exemplo, um artefato que facilite a vida de um portador de necessidades especiais estamos fazendo design social. Quando promovemos feiras e eventos de design e damos espaços para comunidades tradicionais mostrarem e venderem seus produtos, estamos fazendo design social. Quando olhamos para o **patrimônio** como **lugares de memória** e não apenas como meras construções, estamos exercendo design social.
- Por isso, nossas duas últimas aulas iniciam esta reflexão, mas ainda o fazem de modo incipiente devido ao pouco tempo que temos. O objetivo, mais do que responder as questões acima citadas é incitar a reflexão de vocês ao longo de toda trajetória intelectual de vocês e da própria experiência de vida de cada um.
- Iniciaremos com uma aula sobre a importância da preservação da cultura material nativa e a ética da responsabilidade e do respeito ao patrimônio nativo em tempos de mercado globalizado, através do livro Achieta Nosso patrimônio, de Sonia Missagia Mattos e na aula seguinte, o Tom fará uma discussão sobre design social.
- O livro de Sônia é um primor sob várias perspectivas.
- Primeiro, porque é fácil e agradável de ler
- Segundo, porque trata de questões como identidades, memórias, patrimônio e educação patrimonial
- Terceiro, porque é um ótimo exemplo de antropologia visual, porque Sônia, a partir de quadros de paisagens, descortina vários horizontes, falando das várias formas de patrimônio presentes em uma comunidade.
- Quarto, porque o faz trazendo todas estas questões para bem perto de nós, pois seu campo de investigação é o município de Anchieta, do qual todos nós ouvimos falar ou mesmo, visitamos.
- Tentarei aqui salientar alguns dos pontos que considero importantes dentro do panorama que traçamos nas linhas acima.
- O livro de Sônia desdobra-se sobre uma questão de fundo central **o silêncio faz esquecer**, ou como diria Walter Benjamin, **o esquecimento constitui uma vala comum onde são enterrados atores, personagens, episódios e ações que se quer suprimir e eliminar de certas narrativas históricas. Suprimir e eliminar, porque o controle**

sobre a memória histórica é um sólido instrumento de dominação. (pg 17).

- Assim, a cidade de Anchieta é um patrimônio daqueles que vivem nela hoje e dos futuros habitantes, bem como uma memória daqueles que já moraram ali.
- *"É um bem coletivo. Por isso, o apagamento da história da cidade, deve ser hoje entendido como um problema. Problema que traz em seu bojo o esquecimento; a deslembração, o silenciamento da memória"*(pg 19).
- Através de um objeto, um quadro pintado por um morador local, Lúcio Loureiro, em 1951, Sônia começa a desvendar a importância de Anchieta.
- Se ninguém duvida que Anchieta seja de fato um patrimônio cultural, convém, antes de analisá-lo sob esta ótica, definir o que entendemos por **Patrimônio Cultural**.
- **Patrimônio Cultural** compreende mais do que heranças patrimoniais individuais, o patrimônio é um **bem coletivo e envolve várias dimensões**.
- Por muito tempo, falou-se em Patrimônio Cultural como relativo à Arte e à História, sendo chamado de Patrimônio Histórico e Artístico. Tal visão entendia patrimônio apenas como bens materiais, sobretudo excepcionais, o que limitava muito sua área de abrangência.
- É na **Constituição de 1988** que pela primeira vez aparece o termo Patrimônio Cultural e sua definição, fazendo uma distinção entre Patrimônio Material e imaterial, incluindo também na definição os bens naturais e a afirmação de que a ação popular é central em sua defesa.
- Assim, o **patrimônio cultural** foi agrupado em quatro categorias:
 - De ordem natural
 - De ordem material
 - De ordem intelectual
 - De ordem emocional
- Esta nova visão é muito importante para a antropologia, pois compreende elementos que muitas vezes são negligenciados, como os saberes dos homens, tais como o conhecimento que o homem usa para melhorar o seu cotidiano, como instrumentos de pesca, modos de atravessar o rio, capacidade de se orientar no mar, documentos, registros de viagem, pinturas.
- Compreende também as **sensações** individuais e coletivas, como as festas populares, folclóricas e/ou religiosas.
- Ao englobar o patrimônio natural, mostra que o que vemos como um mero coqueiral, para os pescadores é um indício de que eles estão no rumo certo

para voltar à Terra, bem como um jeito de mapear o oceano, marcando, pela contagem das árvores, os pontos onde há recifes ou outros perigos.

- É preciso atentar para o fato de que estes saberes, ou são simplesmente desvalorizados, ou apropriados de forma indevida, como acontece com a biodiversidade da Amazônia: recursos naturais viram medicamentos, cosméticos e outros bens, que não voltam para a comunidade como deveriam.
- Do ponto de vista **arquitetônico**, Sônia afirma que as construções são mais do que meras edificações, são **lugares de memória**:
"Elas fazem parte de modos de compreender e viver a vida" (pg 51).
- Faço aqui uma associação com um trabalho que todo estudante de arquitetura, design e urbanismo deveria conhecer. Chama-se Quando a rua virá casa, de Arno e Vogel. É um estudo sobre um bairro do Rio de Janeiro, chamado Catumbi, que passou por um processo de reforma e modernização urbana. Em nome do progresso, casas tradicionais foram derrubadas para dar lugar à habitações modernas e o bairro todo foi desmantelado. Não se percebia que ao derrubar casas, derrubava-se também modos de vida, redes de relações, lugares de memória, enfim, o desmantelamento físico do bairro era também um desmantelamento das teias sociais e das histórias de vida ali ancoradas. Processo semelhante está ocorrendo em São Paulo, em especial no bairro "Vila- Sônia", por causa das obras do metrô. O impacto que isso gerou nas pessoas que ali residiam certamente vai muito além da imaginação dos planejadores urbanos. Talvez eles não soubessem – ou simplesmente não se importaram – com o fato deste bairro ser curiosamente um reduto de pessoas da terceira idade, que moram lá desde a década de 20 e que construíram uma complexa rede de relações e de auxílio mútuo e que contava com pequenos estabelecimentos comerciais, próximos às residências e com ruas bem tranquilas, inclusive do ponto de vista do tráfego, o que era muito propício aos idosos. Com as obras, tudo mudou. Os pequenos estabelecimentos foram derrubados e a única alternativa agora é ir a um hipermercado, que fica longe, obrigado o idoso a atravessar avenidas e a andar muito, inclusive dentro do próprio hipermercado. Ruas se tornaram avenidas de ligação e o fluxo de carros tornou-se um perigo. Redes inteiras de relações foram desmanteladas, pessoas tiveram que se mudar, e as indenizações, em sua maioria, não foram suficientes do ponto de vista econômico e menos ainda, do ponto de vista simbólico
- Sônia cita também a reforma da Igreja Matriz, que embora tivesse como objetivo recuperar características do final de 1500, quando a Igreja foi fundada, acabou por ser vista de modo negativo pela população local, que sequer soube das intenções da reforma.

- Ela colheu pérolas como “Igreja é muito mais fria”, “Disseram que tinha que ser assim”, “Houve uma quebra, e a gente não conhecia aquela história. Ficou uma coisa vazia, ficou uma Igreja vazia” (pgs 56, 57).
- Para a população, a Igreja antiga representava mais o sagrado com o qual elas se identificavam.
- Os **lugares** servem como **palcos** para a **construção de identidades** e deve-se atentar para isto antes de modificá- los.
- Deve-se entender que a cultura e a identidades são processos **tensos**, políticos e em permanente mudança, mas é preciso respeitar as especificidades de cada lugar e garantir que a memória, cristalizada em edificações, possa ser preservada e resgatada se for do interesse do grupo.
“Manter a especificidade, a identidade cultural é particularmente importante em Anchieta nos dias de hoje. A razão? É a necessidade do fortalecimento do sentimento de pertença a um lugar, a uma Nação. Já vimos que a identidade cultural une as pessoas. Esses sentimentos de pertença faz com que as ações sejam realizadas” (pg 80).
- É preciso então perceber que o turismo pode ser, literalmente, **predatório**, ou por não respeitar os modos de vida locais, os objetos, a paisagem, as edificações, mas também porque os apreciadores só captam uma pequena fração deste rela e deste imaginário, vendo-os apenas como “curiosidades”, “exotismos” e desconhecendo as complexas lógicas que os engendram
“Com as constantes interferências doa agenciadores de turismo, toda a memória do grupo guardada por gerações e gerações passadas e que se materializaram naquela expressão do viver é posta á venda em palcos. Quando isto ocorre, o patrimônio cultural passa a ser algo para o outro ver e não algo para se viver. E, assim, ele é esvaziado de sentido para a comunidade que o produz. O que a comunidade recebe de volta? Principalmente, um tratamento assistencialista, e uma roupa para padronizá-los. Acabada a festa, voltam para a mesma situação de desigualdade, de carências, de injustiças, de falta de perspectiva de vida” (82).
- Para Sônia, a mudança desde panorama depende do que ela chama de **EDUCAÇÃO PRATRIMONIAL** ⇒ seria mais do que uma educação formal, seria uma promoção do humano e de suas relações com o patrimônio no dia a dia.
- Seria também a desmistificação da crença do Brasil enquanto país homogêneo.

- A proposta é suscitar desde a infância o respeito á diferença e a valorização da mesma, tanto pelas pessoas de fora do grupo, quanto pelas pessoas que a ele pertencem
- Sônia diz que por muito tempo, as memórias de índios e negros forma sendo apagadas pelos movimentos colonialista e pelas próprias estruturas do nosso sistema.
- É preciso pensar no **destino das populações** que são representantes de um patrimônio, e não só do patrimônio em si ⇒ mas não por uma ótica assistencialista e sim potencializando a autonomia de indivíduos, grupos e comunidades.
- Um dos modos de fazê-lo é através da escola, na forma de uma **disciplina transversal (Temas transversais)** que faria parte de todos os conteúdos, turmas e períodos. Esta versaria sobre a descoberta, conhecimento e preservação do patrimônio histórico.
- Outra iniciativa seria a de levar este conhecimento para a comunidade local, bem como para professores, gestores e diretores de escola.
- O **próprio patrimônio**, por conter elementos naturais, emocionais, intelectuais e materiais suscitaria o **aprendizado de outras disciplinas**.
- Assim, é feito um trabalho reflexo: a educação formal auxilia a compreender a importância da preservação do patrimônio e este seria um "laboratório" de vivências, sentimentos e saberes que melhorariam o entendimento das disciplinas bases.
- É preciso destacar que os conceitos de "integração", "descoberta" e "empowerment" comunitário, que entram na abordagem da educação patrimonial. Ambos os conceitos partem de um movimento da educação idealizado por pessoas como, Bruner, Vygotski e Paulo Freire.
- Bruner se utiliza do conceito de interação e propõe que o "**entorno**" do aluno seja o palco de descobertas. Além disto, adota a idéia de que o aluno deve participar ativamente do aprendizado, enquanto **sujeito do conhecimento**.
- Vygotski acredita que a interação social é a origem e o motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual.
- Paulo Freire concebe o aluno como aquele que se descobre como agente do processo histórico, partindo do sensível e do empírico para o concreto. O processo de ensino, para ele, é sempre **dialógico**.
- Ao teóricos do **empowerment** defendem uma educação **libertária**, que se concretizaria aos poucos, incentivando a iniciativa, valorizando as diferenças, fazendo do patrimônio um modo de resgatar identidades e levando-os á emancipação.

- A educação patrimonial coloca-se assim enquanto um ato político, incentivando a cidadania.
- Tais iniciativas, inclusive, estão respaldadas pela nossa Constituição, que no artigo 215 diz:

"O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (97)